

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

João Gualdino Pereira

No numero 24 do meu jornal «O Regenerador» fiz a seguinte declaração, a proposito de qualquer cousa: «Somos monarchico, pertencemos a um partido que defende o regimen (era esta a minha sincera convicção); se um dia esse partido der um passo á frente, abandonando assim as instituições que nos regem, o nosso caminho está traçado—abandonaremos de vez a politica».

Coherente com esta afirmação categorica, retirei-me para a vida privada de simples cidadão obscuro, contemplando o desenrolar desta *fitá cinematographica* com os sentimentos que ella naturalmente desperta nos homens de intelligencia e de coração que desejam ver esta patria engrandecida e nobilitada com a effectivação da trilogia brilhante das democracias sinceras e puras.

Solicitado para collaborar em diversas gazetas, recusei-me sempre. Excepção feita do «Commercio de Guimarães», onde publiquei uns artigos acerca do VIII centenario do nascimento de D. Afonso Henriques, nos numeros que antecederam as gualterianas de 1911, nunca collaborei em jornaes, nunca fiz politica jornalística.

Dizia-se que eu collaborava na «Justiça», no «Caloiro», no «Patriota», e ainda agora não falta quem julgue que eu sou um dos collaboradores de «O Lusitano».

Não. Não é verdade. Prometti e tenho cumprido e de cada vez estou mais resolvido a permanecer indifferente á politica partidaria e afastado do jornalismo, que apenas dá, como recompensa, trabalhos, cancelas e desgostos.

Abro, porém, hoje uma excepção.

Convidado a prestar homenagem a João Gualdino, o velho e querido amigo, que a morte nos arrebatou, não podia recusar-me.

Venho falar junto duma sepultura.

Guiado pelo sentimento da mais austera justiça, venho fazer o elogio do Vimaranesse illustre que tanto amou a sua terra; mergulhado no abysmo onde impera a dor, venho espargir lagrimas de sincera e funda saudade sobre a terra sagrada do Campo Santo, onde repousa o envolvero daquella alma intelligente, generosa e boa.

Parece um sonho, com todos os incommodos dum pesadello! O João Gualdino, que nós viamos ahi sorridente e activo, numa apparencia que a nós, os lei-

gos, tornava incredulos nas afirmações da sciencia, conhecedora do mal que ia minando aquella vida preciosa, desapareceu bruscamente do nosso meio social, arrebatado pela morte que não enludou somente uma familia, onde elle era chefe carinhoso e digno, mas tambem uma cidade inteira, que nelle perde um dos seus filhos mais dedicados pelo seu progresso, pelo seu engrandecimento!

Pesadello horrivel que se transforma em triste realidade!

Quem assistiu aos seus funeraes pôde vêr que João Gualdino foi alquem.

A assistencia numerosa, composta do que ha de mais distincto na sociedade vimaranense, o ar de tristeza que pairava alli, a compunção que se divisava em todas os rostos, as lagrimas que marejavam os olhos de muitos, constituiram uma das mais tristemente brilhantes e sinceramente sentidas homenagens que tenho visto prestar a um homem ante os despojos materiaes do seu ser. E tudo isto representava um acto de justiça.

Eu já não quero falar no que havia de affectuoso no seu coração para com a familia que idolatrava e para com os seus amigos, que delle recebiamos lições de lealdade e de dedicação inexcediveis.

Isso ficará constituindo as flores que guardamos no intimo das nossas almas ao lado dos espinhos da saudade.

Pretendo, especialmente, fazer o elogio do João Gualdino na sua vida publica.

Como negociante, honrou a sua classe pela sua intelligencia, pelo seu character, pela sua probidade.

Como politico, foi um diplomata. Dedicado aos seus correligionarios, conseguiu esta cousa difficil—manter, atravez de todas as luctas, a amizade pessoal dos seus adversarios politicos.

Mas no que mais se salientou foi nos emprehendimentos que representavam uma honra ou uma utilidade para esta terra que extremosamente amou.

Nas corporações de piedade, de beneficencia ou de progresso social, em que serviu, manifestava-se sempre a sua intelligencia e rasgada iniciativa.

A irmandade dos Santos Passos, a Sociedade Martins Sarmiento, a Associação Commercial, e muitas outras instituições vimaranenses, devem-lhe assignalados servicos.

Quando Guimarães tinha de

e Manuel Martins Barbosa d'Oliveiro, consagrei as palavras de louvor que lhes eram justamente devidas.

De João Gualdino escrevia eu o seguinte:

«Outro novo e um... revolucionario. Revolucionario do bem, é claro. Ao traçar o perfil d'este rapaz, a quem consagramos um affecto quasi de irmão, a penna quer fugir, quer dizer muito... e por muito que dissesse, não diria tudo. Não é preciso, porém, que a penna escreva o que todos sabem, o que todos dizem—João Gualdino é a alma de todo esse movimento, que se observa hoje ahi. Bem sabemos que é arrojada a asserção, mas os seus collegas serão os primeiros a apoiar-nos, porque teem visto o quanto vale a intelligencia, a iniciativa, a força de vontade, o esforço constante de João Gualdino Pereira.

Consola vêr como a importante classe commercial d'esta cidade concorre, d'uma forma tão palpavel, por meio d'um dos seus membros, para esta brilhante manifestação de patriotismo!

Ahi está o seu retrato entre o corpo colectivo, a quem consagramos hoje este numero do *Echo*; mas é-nos grato confessar que, se ao digno vice-secretario e zelosissimo director do museu industrial da Sociedade Martins Sarmiento prestamos, como tal, esta homenagem de admiração e reconhecimento, nella vae tambem o affecto, bem sincero e bem fundo, que consagramos ao condiscipulo d'outr'ora, ao amigo leal e dedicadissimo de sempre, que em todas as vicissitudes da nossa vida temos encontrado ao nosso lado, nos momentos de ventura, como nas horas de provação.

João Gualdino é honra da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, é honra da respeitavel classe commercial vimaranense, é honra dos seus numerosos amigos.»

Em 1906, iniciou João de Mello as festas gualterianas, que constituem um dos benemeritos emprehendimentos da moderna Guimarães. Teem-se realisado até hoje

com um brilho que muito honra a nossa querida terra.

João de Mello, iniciando-as, Rodrigues Loureiro, engrandecendo-as, Eduardo Almeida, realisando-as em commemoração do VIII centenario do nascimento de D. Afonso Henriques, mereceram os applausos de todos os seus conterraneos.

Mas João Gualdino resolveu juntar o surpreendentemente bello ao admiravelmente util e pratico.

As gualterianas de 1910 foram assignaladas por um facto que só uma vontade de ferro podia realisar—a Exposição Agricola e o Mostuario de Industrias Vimaraneses.

No perfil, que por essa ocasião tracei, de João Gualdino, no meu jornal «O Regenerador», dizia eu o seguinte, que me apraz reproduzir agora:

«Intelligente.

Activo.

Emprehendedor.

Na sua alma affectiva e boa, onde ha o culto da familia, que ama extremosamente, existe, dominador e intenso, o sentimento patriótico—o amor que consagra a esta terra que hoje veste de galas e sorri alegrias, congraçando os seus filhos num amplexo de paz; recebendo os seus hospedes com um hymno de saudação e de reconhecimento.

Ao lado do monumento erecto em honra de Afonso Henriques —a mais lidima gloria da velha Guimarães— projectou levantar um monumento ao *Progresso* nas suas maiores forças—a *Agricultura* e a *Industria*—o mais nobre pergaminho da Guimarães moderna.

E, como por encanto, surgiram pavilhões formosos, extensas naves do templo do Trabalho, onde em certamen grandioso e bello se ostentam os fructos da terra, as manufacturas das officinas e os productos das fabricas, a attestarem a todos o quanto pode e quanto vale este povo intelligente, trabalhador e honrado que sente, como nenhum outro, o amor ao torrão natal, quando contempla os campos esmeraldinos das suas veigas extensas, a agua crystallina e pura das suas fontes, a torre de menagem do seu Castello, a historia famosa da sua Collegiada, a carapinha granitica da sua Penha, a prosperidade consoladora das suas instituições de beneficencia, o augmento do seu commercio e o progresso das suas industrias; amor que se transforma em sau-



dade, quando se vê separado da terra bendita da patria pelas cordilheiras dos montes ou pelas montanhas das ondas!

Muitos dos que aqui nasceram, e que exercem a sua actividade em outras cidades ou villas do paiz, aqui virão, nestes dias festivos, trazendo á terra bem-amada os sorrisos da sua saudação e as lagrimas dulcissimas da sua saudade.

E, comnosco, numa apothese de luz—dessa luz que transforma Guimarães num sonho phantastico das *Mil e Uma Noites* da lenda oriental — curvar-se-ão em homenagem perante a figura principal desta fita (*João Gualdino*), que tem a rodeá-la, num concurso admiravel de talento e de actividade, a benemerita Direcção que o tem por presidente illustrado e digno, os nossos melhores artistas com o seu talento, a *élite* vimaranense com o seu auxilio, Guimarães em pezo, com o seu apoio efficaz.»

Isto escrevia eu em agosto de 1910, com a velha e sincera amizade que consagrava a João Gualdino, e que fazia que eu me alegrasse com os seus triumphos.

Hoje reproduzo essas palavras, inspiradas pelos principios da mais austera justiça; mas, ao reproduzi-las, não ha em mim os sorrisos e a alegria com que as escrevia então; ha lagrimas e triste saudade pelo amigo que a morte nos arrebatou, pelo vimaranense benemerito e patriota illustre que ora jaz, frio e inerte, no campo da morte!

Que a sua alma generosa e bom encontre no seio de Deus o descanso eterno e que para ella brilhem eternamente os esplendores da visão beatifica!

Requiem aeternam dona ei, Domine, et lux perpetua luceat ei.

Padre Gaspar Roziz.

Os vimaranenses na Póvoa

Na passada terça-feira, pelas 10 horas da manhã, foi resada uma missa e responso na capela de S. José, na Póvoa de Varzim, em sufrágio da alma do nosso saudoso amigo sr. João Gualdino Pereira.

Foi celebrante o rev. José Maria da Conceição e Silva, acolitado pelo rev. Domingos Gonçalves, sendo o acto mandado celebrar por iniciativa do considerado comerciante desta cidade sr. Joaquim Pereira Mendes.

Ao religioso acto, a que concorreu a colónia vimaranense, ali a veranear, em número superior a 150 pessoas, assistiram os nossos patricios, de que o nosso informador pôde tomar nota; Ex.^{mas} Sr.^{as} e Srs.:

Joaquim Pereira Mendes e família; D. Amélia Costa e família; Simão Costa Guimarães e família; Dr. João Rocha dos Santos e família; Viuva Gonçalves e família; Pedro Pereira da Silva Guimarães e família; Francisco Martins Fernandes e família; Florencio Leite Lage e família; Luiz Gonzaga Pereira e família; João Mendes Ribeiro e família; António Ferra; António Augusto da Silva Carneiro e família; D. Maria Sarmiento; D. Delfina Aldão e filho; D. Maria Caldas Fraga; D. Maria Mello Saraiva; D. Amélia Rebelo; General Simões; D. Alzira Marinho; D. Maria Tavares; D. Maria Carvalho Costa; Visconde de Viadente da Silveira; Domingos Freiria; Dr. João de Melo; José Ribeiro; Eduardo de Lemos; D. Maria da Conceição, D. Virginia e D. Maria de Lourdes Oliveira Bastos; Padre José André Rodrigues de Carvalho; António José de Oliveira e família; D. Sara Rocha dos Santos; D. Maria da Gloria Rocha dos Santos; João Veloso de Araujo e família; José Borges Teixeira de Barros e família; Francisco Inácio da Cunha Guimarães; Directoras e internadas da Creche da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, etc., etc.

MANEJOS DE TOUPEIRA

Liquidação honrosa dum incidente

Chamados à liça por um *trapo* que aqui se publica às quintas feiras, trouxemos a público um caso degradante sobre assuntos políticos, um feito de alto coturno, praticado por um *intangível*, afonsista dos quatro costados, arvorado de teixeirista confesso em adepto converso do heroe Afonso, em *grande amigo* da República e não sabemos que mais.

Ao iniciarmos a discussão cremos ter dito o suficiente para demonstrarmos quanto nos era penoso fazê-lo nesta ocasião em que a nossa resposta à chamada podia ser taxada de parcial e inoportuna.

Não pudemos, porém, resistir, viemos e, com franqueza, não estamos arrependidos de ter vindo.

E' verdade que algumas linguas de víbora quizeram pôr nas nossas palavras intenções que nunca tivemos, mas essas, sempre pequeninas em tudo, como pequenino é o cérebro que as faz movimentar, não teem outra missão que não seja a intriga de encruzilhada e a infâmia de lamaçal.

Para esses seres, mesquinhos no espirito e na consciência, não há lealdade politica, por que elles nunca foram nem nunca souberam o que é ser politico.

Aduladores ocasionais do grande Afonso, só vêem com bons olhos os que ao grande Afonso vitoriam e fazem salamaques.

Os outros são tudo — *reacionários, talassas* e o mais que elles querem, mas lá republicanos, isso é que não.

Republicanos só elles os do lado do herói da *intangível* tangida.

Ora como nós estamos, e estamos muito bem, do lado oposto, somos maus!

Não somos, não senhores.

Somos verdadeiros e conscienciosos e... somos muitissimo delicados aparecendo às pessoas que, embora com gesto aguerrido e insultuoso, nos batem à porta de casa.

E não estamos arrependidos de termos aparecido à chamada do *trapo* apresentando uma das muitas razões que nos faziam falar um pouco áspero contra os *intangíveis* de cá.

Trata-se, nem mais nem menos, como o título d'este artigo o demonstra, dum caso de pretendido suborno debatido nos dois últimos números d'este jornal.

Dissemos no último que o illustre official do Estado Maior, sr. Tenente Valdez, muito digno e integerrimo instructor dos processos sobre crimes politicos, ia proceder às necessárias averiguações sobre o incidente, e de facto assim aconteceu.

Publicamos em seguida novamente a carta do moço Gabriel Lopes de Carvalho, uma que recebemos do sr. Tenen-

te Valdez remetendo-nos os depoimentos do Carvalho e de Manuel Luis de Matos e estes.

«Em um dos últimos sábados fui a Guimarães e ao passar em frente da loja do sr. Jordão encontrei-me com o sr. Manuel Luis de Matos, o qual me perguntou se eu ainda estava desempregado e, como eu lhe respondesse que sim, convidou-me a ir jantar com elle, o que eu recusei.

Depois disse-me que eu devia ir fazer umas declarações à esquadra porque eu devia saber que o sr. Vieira de S. Dámaso era conspirador, e como eu lhe respondi que nada sabia, elle disse-me que eu, que agora estava fora de lá, e que, porisso, podia falar à vontade, porque elle era um grande conspirador, que conspirava dentro e fora do balcão e que não saía mais da prisão, o que era bem feito e que elle havia de levar os 20 anos de sentença.

Eu respondi-lhe novamente que nada sabia nem nunca vi nada por onde pudesse supor que elle era conspirador, e elle tornou a convidar-me para ir jantar com elle, tendo-lhe eu respondido que não ia porque ia jantar a Vizela.

Ainda depois disto tentou outra vez levar-me a jantar com elle e a dispor-me para fazer as declarações que elle queria que eu fizesse, recusando-me eu sempre porque eu nada poderia dizer porque durante todo o tempo que estive em casa do sr. Vieira nunca vi que elle conspirasse nem ouvi dizer nada a esse respeito.

Eu saí de casa do sr. Vieira porque nos zangamos, mas apesar de não falar com elle não é isso motivo para encaregar a minha consciência mentindo, o que por coisa nenhuma faria.

Eis em resumo o que se passou.

(a) *Gabriel Lopes de Carvalho.*

Envelope:

Ao Ex.^{mo} Redactor do «Lusitano»
Do tenente Valdez.

Carta:

Pelos depoimentos que junto envio, os quais depois me devolverá, aproveitando-os no entanto para publicidade no seu jornal, visto o caso ter nele sido debatido, se concluí que houve de parte a parte uma interpretação errada.

E' certo que Manuel Luis de Matos procurou inquirir de Gabriel de Carvalho o que elle soubesse a respeito de Vieira de Castro, mas não com intuitos de fazer um conspirador, pois é do dominio público que elle o é, e eu mesmo já tive ocasião em conversa com os senhores de assim me referir a seu respeito. O que Manuel Luis de Matos pretendia era tam sómente procurar elementos para elucidação do meu serviço, visto ter sido chamado por mim a depor a tal respeito, isto é, visto ser depoente no auto de Vieira de Castro. Assim procedendo, Manuel Luis de Matos não pode ser censurado, antes louvado, e o seu intuito em convidar o Gabriel de Carvalho para jantar, segundo declarou, era para puchar d'ele, o que elle soubesse a tal respeito, e não para o obrigar a fazer declarações falsas, pois decerto não o teria convidado, como em primeiro lugar lhe disse e consta da carta do mesmo Gabriel, a ir fazer declarações à esquadra; antes teria seguido outro processo, pois demais sabia elle que aqui não encontraria meio de servir-se de tal expediente. Este facto é ainda mais comprovado pelo seguinte: nunca Manuel de Matos me contou a existência d'esse moço, nem elle mais o procurou.

E desde que não há factos dum lado e outro dou por terminado este serviço.

A's suas ordens.

Tenente Valdez.

Gabriel Lopes de Carvalho, por mim interrogado, manteve as declarações da sua carta, garantindo no entanto que Manuel Luis de Matos o não obrigou a fazer declarações falsas, nem assim lhe pediu, dizendo-lhe apenas que elle visto ter-se achado empregado em casa do Vieira de Castro, alguma coisa saberia ou devia saber a seu respeito.

E' certo, que o mesmo o convidou para jantar, mas, não pode dizer se o seu intuito seria para o subornar, pois tal facto se não deu, podendo bem ser que o mesmo procurasse informar-se do que sabia.

Não lhe pediu para prestar declarações a elle sómente, convidando-o apenas a ir à esquadra prestá-las.

(aa) *Gabriel Lopes de Carvalho*
José de Ascensão Valdez
tenente de infantaria.

Manuel Luis de Matos, por mim interrogado, declarou ser verdade ter encontrado Gabriel Lopes de Carvalho a quem conhecia por ter estado empregado em casa de Vieira de Castro; e, como Vieira de Castro se encontre prêso como suposto conspirador, elle, depoente, como bom republicano que se julga ser, parecendo-lhe que o Gabriel de Carvalho alguma coisa poderia saber sobre o mesmo elucidando assim a acção da Justiça, convidou-o a ir à esquadra com esse fim, mas, caso elle soubesse qualquer coisa a esse respeito; é certo, que o convidou também para jantar, e isto, por lhe parecer que o mesmo teria necessidade disso, e com o intuito de ali inquirir mais à vontade se o mesmo saberia ou não alguma coisa a respeito do já citado Vieira de Castro, o que de certo o mesmo Gabriel lhe não diria publicamente, com receio de ser ouvido.

Não o obrigou a fazer declarações falsas, tanto assim, que logo que o mesmo se excusou, dizendo que nada sabia, não mais o procurou.

(aa) *Manuel Luis de Matos*
José de Ascensão Valdez
tenente de infantaria.

Aí ficam os documentos.

Não nos podemos furtar a comentá-los porque há passagens que directamente nos visam e precisamos de destruir, com provas absolutamente provadas, suposições errôneas que pretendam ou possam fazer-se.

Há neles envolvido um nome que nós muito desejaríamos respeitar com o nosso silêncio, mas como há as tais linguas de víbora que podem attribuir esse silencio a coesão ou cobardia, vamos dizer o que é necessário que se diga para que não possam restar dúvidas a respeito da nossa imparcialidade.

Principiaremos pela carta do sr. Tenente Valdez.

Há nela passagens injustas como estas:

«...houve de parte a parte uma interpretação errada».

«...pois decerto não o teria convidado, como em primeiro lugar lhe disse e consta da carta do mesmo Gabriel, a ir fazer declarações à esquadra; antes teria seguido outro processo pois de mais sabia elle que

aqui não encontraria meio de servir-se de tal expediente.»

O que dissemos acêrca do caso que se discute, visando directamente o sr. Matos, foi o seguinte:

«Aí fica a demonstração cabal e indestructível de que houve um carácter de lama que pretendeu subornar, a troco dum jantar, um rapaz, para que elle fizesse um depoimento falso afim de comprometer um individuo de quem, por elle não commungar nas suas ideias politicas, se fêz inimigo pessoal».

A demonstração é tam cabal e tam indestructível que o próprio sr. Matos, no seu depoimento, não conseguiu, já não dizemos destruí-la mas ao menos atenuá-la, como mais abaixo vamos ver, antes pelo contrário deixou a descoberto, e bem nítidos, intentos secretos que não teve a habilidade de esclarecer.

Se nos não enganamos, juridicamente, o caso é assim.

Quando ao caso que se refere à investigação sobre crimes politicos, nunca aqui puzemos em dúvida a imparcialidade e rectidão da autoridade investigadora, e, repetindo palavras ditas pessoalmente ao sr. Tenente Valdez — nós nunca dissemos como lisonja aquilo que devemos dizer com justiça —, nas columnas d'este jornal se tem apreciado como é justo a nobilissima conduta dessa autoridade.

Passemos ao depoimento do rapaz:

«Manteve as declarações da sua carta»...

Isto é assás importante. «...garantindo no entanto que Manuel Luis de Matos o não obrigou a fazer declarações falsas»...

Tal não se afirmou aqui. O que se disse foi que Matos o convidou para jantar com intuitos reservados que se vão ver.

«E' certo que o Matos o convidou para jantar, mas não pode dizer que o seu intuito seria para o subornar pois tal facto se não deu»...

«Pois se o facto se não deu, se o rapaz não aceitou o jantar, como havia elle de afirmar que elle queria suborná-lo durante o mesmo jantar?»

Supô-lo e já isso é muito. «Não lhe pediu para lhe prestar declarações a elle sómente (Matos) convidando-o apenas a ir à esquadra prestá-las».

Não se disse aqui o contrário, mas Matos vai esclarecer estes dois últimos pontos no seu depoimento.

Ao depoimento do Matos, pois. «...declarou ser verdade ter encontrado Gabriel Lopes de Carvalho a quem conhecia por ter estado empregado em casa de Vieira de Castro»...

Até aqui vai muito bem. «...e, como Vieira de Castro se encontre prêso como suposto conspirador, elle, depoente, como bom republicano que se julga ser»...

Aqui houve raia da graúda. Se é do dominio público que elle (Vieira) o é (conspirador), admiraria que um *talassa* o ignorasse, mas que um *bom republicano que se julga ser*, venha chamar-lhe num depoimento, onde está jogando o seu carácter, suposto conspirador, essa é de cabo de esquadra.

Quando à sua qualidade de *bom republicano* contestamo-la e com justos motivos.

Ele é um adesivo, e adesivo, segundo a fórmula usada pela farmacopeia afonsista, não é republicano. E' talassa e muitas coisas mais.

Mas... adiante.
«...parecendo-lhe que o Gabriel de Carvalho alguma coisa poderia saber sobre o mesmo, elucidando assim a acção da justiça, convidou-o a ir á esquadra com esse fim, mas caso elle soubesse qualquer coisa a esse respeito...»

Nada mais inocente do que isto. Pareceu-lhe que elle poderia saber alguma coisa e convidou-o a ir á esquadra.

E' uma coisa muito natural, porêm «... é certo que o convidou tambem para jantar, e isto, por lhe parecer que o mesmo teria necessidade disso...»

Isto é que é redondamente falso. Matos conhecia o Gabriel e sabia que elle tem familia que vive em condições desafogadas e que, portanto, não tinha necessidade do seu jantar.

Matos convidou-o para jantar por três vezes, instou com elle para que fosse, tentou levá-lo a jantar com elle e isto

«...com o intuito de ali inquirir mais á vontade se o mesmo saberia ou não alguma coisa a respeito do já citado Vieira de Castro, o que, decerto, o mesmo Gabriel lhe não diria publicamente, com receio de ser ouvido...»

Ora cá está o tal intuito. Em primeiro lugar convem esclarecer:

A conversa havida entre Matos e Gabriel teve logar na rua, em frente da loja do sr. Jordão.

Estavam os dois completamente sós, podendo falar á vontade, e tanto assim que Matos não teve receio de sensibilizar o Gabriel pelo medo de ser ouvido, quando lhe disse que agora estava fora de lá, e que, porisso, podia falar á vontade porque elle era um grande conspirador, que conspirava dentro e fora do balcão e que não saia mais da prisão, e que era bem feito, e que elle havia de levar os 20 anos de sentença.

Sem ligarmos importância a um facto que, aliás, tem muitíssima,—o de Matos afirmar ao rapaz que elle era um grande conspirador e que havia de levar os 20 anos e no seu depoimento chamar-lhe apenas suposto conspirador—, devemos concluir:

1.º—que Matos não estava investido de qualquer função judicial; e assim

2.º—que admitindo a sua vontade em procurar elementos que auxiliassem a investigação, devia, segundo o que em casos idênticos, se tem feito, levá-lo á esquadra afim d'ele dizer o que soubesse e não instar com elle três vezes para jantar consigo afim de, mais á vontade, o inquirir; porquanto:

3.º—que é completamente inadmissível que, sendo essa a única boa vontade de Matos, elle o não tivesse, com effeito, levado á esquadra como elemento precioso para a descoberta da Verdade, fôsse ella qual fôsse; e finalmente

4.º—que Matos não tinha tal vontade de auxiliar a investigação porque esta tanto cura da culpabilidade como da inculpabilidade de cada reu, mas tinha vontade de arranjar elementos que carregassem Vieira de Castro.

A justificação de Matos de que... «Não o obrigou a fazer declarações falsas, tanto assim, que logo que o mesmo se excusou dizendo que nada sabia, não mais o procurou» é a coisa mais infantil que temos visto.

Toda a gente sabe que parra sêca não dá uvas e, uma vez reconhecida como tal, ninguém mais com ella se importa a não ser para a cortar e deitar ao fogo.

Para finalizar: Não se disse que Matos obrigasse Gabriel a fazer declarações falsas, mas que o pretendeu subornar a troco dum jantar, isto

baseado nas declarações do segundo e este, no seu depoimento, apenas diz que não pode dizer se o seu intento seria para o subornar porque tal facto não se deu.

E' o caso da história—eu se fosse a Lisboa iria ver o Tejo, mas não fui a Lisboa e não vi o Tejo.

Matos, por seu lado, não se justifica, antes confirma que efectivamente o convidou com o intuito de inquirir mais á vontade.

Inquirir!!! De tudo isto resalta claríssimo que Manuel Luís de Matos tinha intuições reservadas que não esclareceu.

Juridicamente e moralmente não ficou indene da suspeição que sobre elle pesava, ou a jurisprudência e a moral são uma batata.

Cumprimos o nosso dever de homem civilizado respondendo á chamada do trapo e de homem imparcial, tratando o caso sem a menor paixão.

Desculpem os queridos leitores tanta massada da qual nos penitenciámos.

Recolhemos hoje ao rosso humilde aposento, donde não mais sairemos para estas colunas.

Mas havemos de nos encontrar, prometemos-lho.

O resto virá. Dissemo-lo e havemos de o cumprir quando estiverem restabelecidas as garantias consignadas na Constituição Política da República Portuguesa.

Até lá, pois.

Diabo-negro.

Um boato estulto

Vivemos no reinado dos boatos.

São duma proliferação mais assombrosa do que os tortulhos.

Surgem aí a cada canto da rua. Mal damos um passo fora de casa, já não temos ouvidos para acolher quantos andam no ar a circular.

Alguns são tam bem engendrados que iludem o mais prevenido; outros tam fantasiosos e disparatados que só podem ter acolhida na cabeça dum paspalhão.

O que se vê é que há muita gente empenhada em joguetear com a credulidade das almas simples, e outra, não em menos número, em iludir, confundir e desnothear com fins occultos a opinião pública.

Um dos boatos mais estrambóticos da última hora é o que referiram todos os diários acerca da nova fase que tomou a contra-revolução monárquica portugueza.

Diz-se que nos fins do mês passado se reuniram em Paris as comissões de Londres, Berlim e Madrid, dando Paiva Couceiro conta dos seus trabalhos; e que aí ficou assente que João Franco a quem conseguiram atrair ao movimento contra-revolucionário, dirigirá agora a parte política e Vasconcelos Porto a parte militar. O que daqui se pode inferir é que a conspiração contra a república ainda não liquidou.

Tem algum fundamento este boato tam ruidoso?

A meu ver, não tem nenhum; e é assás transparente que foi lançado na circulação com fins tendenciosos.

João Franco já disse por mais duma vez, que estava completamente alheado da política por-

tuqueza. Se a rasão que agora alegam para o induzir a entrar na contra-revolução, pudesse abalar a sua resolução, já há muito que seria ontra a sua attitude.

E' conjecturável que, se as nossas coisas continuarem pelo caminho até agora seguido, soffreremos mais tarde ou mais cedo uma intervenção das potências estrangeiras. Isto por certo ferirá dolorosamente o coração sinceramente patriótico daquelle ex-político; mas, se a nação está contente com o governo que tem, elle não quer contrariá-la, embora o desfecho venha a ser aquelle.

Mas dirá alguém: vamos a ver se elle desmente o boato. Creio bem que elle não se dará a esse trabalho. Disse terminantemente que se afastava da política; não é agora obrigado a responder a quantos sentem pruridos de o chamar á balha. E ainda que desmentisse o boato, bacoreja-me que a maior parte dos jornais que lhe deram curso, não publicariam o desmentido. Eu parece-me que estou vendo a origem dessa atoarda.

Tem causado uma péssima impressão o procedimento dos republicanos para com os prisioneiros políticos.

As sentenças dos tribunais marciais causam horror ainda ás pessoas menos inclinadas á compaixão. Nunca se viu tamanho rigor para crimes políticos.

Que os nacionais estejam mal impressionados, isso pouco importa aos nossos governantes; o que elles não querem é que a má impressão se estenda pelo estrangeiro. Por isso o sr. Magalhães Lima já saiu de Portugal para pedir á maçonaria internacional, que o ajude a desfazer o mau conceito que lá fora estão fazendo dos nossos republicanos. E a maçonaria, que não quer ver prejudicada em seus créditos a sua filha predilecta— a república portugueza, depois de muito cogitar e matutar, bate uma palmadinha na testa e diz para o sr. Magalhães Lima:

“eureka! já sei dum grande meio para coonestar os rigores de que a república portugueza tem usado com os chamados conspiradores.

A conspiração acabou; Couceiro, depois de dois desastres, nunca mais fará nova tentativa.

Mas digamos agora que a contra-revolução vai ser dirigida por João Franco. Quem o não acreditará?

Ainda tem muitos partidários em toda a nação, é um nome de prestígio. Façamos crer que a conspiração ainda está viva e forte, e assim ficarão justificadas as graves penas applicadas aos prisioneiros políticos.

A república, precisa de se defender; e como ainda há quem queira tentar contra ella, não são de estranhar os rigores de que ella tem lançado mão contra os seus inimigos.”

Eis aqui a origem do boato; podia pôr as mãos sobre umas horas em confirmação das minhas conjecturas.

Se João Franco quizesse entrar na contra-revolução, porque esperava tanto tempo? Não vê elle bem o caminho que as nossas coisas leyam? Se estivesse

unicamente na sua mão remediar os nossos males, não o teria já feito? A entrar na conspiração, não seria mais conveniente que elle ficasse velado? Se fôsse possível demovê-lo da sua resolução de estar politicamente isolado, Paiva Couceiro, de quem era sincero e devotado amigo, não o teria já demovido?

Tudo me leva a crer que o boato é fingido e obedece a fins inconfessáveis.

Os republicanos receberam-no com um sorriso escarninho que quer dizer muito.

E' lá crível que, se os monarquistas portuguezes pensassem ainda em conspiração, o viessem declarar publicamente?

Só o deixarem-no transparecer na presente ocasião era duma ineptia assombrosa. Não façamos dos portuguezes emigrados uma tam desonrosa ideia.

De duas uma: ou não pensam mais em conspiração ou, se pensassem, não o deixariam perceber já.

Aquelle boato não é mais que uma pretendida justificação aos excessivos rigores dos tribunais marciais, ás perseguições movidas contra os considerados suspeitos e aos castigos crúeis e torturantes que estão soffrendo os encarcerados políticos. O que se pretende com elle, é que os julgadores digam consigo: “Parecia-nos a principio que tínhamos sido algo severos; pois estamos enganados. Apesar das penas que temos applicado, vê-se que os conspiradores ainda não desanimaram. Ainda se torna a falar em conspiração. E' demais. Carreguemos-lhes sem dó nem piedade.”

E' isto o que se pretende. Não há quem me tire daqui. Por todo o país se ia generalizando um grande e nobre movimento de compaixão a favor dos que, por crimes políticos, estão soffrendo os horrores de longas incomunicabilidades e do inferno da penitenciária.

Pois o que se quer evitar é que esse movimento tenha o seu natural desfecho, isto é, a suavização dos soffrimentos dos prisioneiros.

Esses prisioneiros são considerados como estando fora das leis da pátria e da humanidade, e por isso não merecem compaixão. E que o boato é inventado com fins prefixos, facilmente se conclui de que os nossos políticos nunca tiveram escrúpulos de recorrer a estas habilidades e que o hábito da mendacidade por parte do seu ser.

P. CA.

Calúnia

Não sabemos com que intuições, alguém tem propalado que o nosso jornal não tem vida própria e que é sustentado por reaccionários.

Ora isso é redondamente falso. O Lusitano vive exclusivamente e honestamente da sua assinatura que é folgadinha, louvado seja Deus, e a miúdo recebe novos pedidos.

Tampouco este jornal serve elementos reaccionários ou qualquer facção religiosa ou politica nem se submete a infeitamentos sejam de que ordem forem.

As opiniões pessoais, sejam de quem forem, não influem de maneira alguma no nosso modo de ser de jornalistas.

Aqui, cada um, dentro da esfera da sua acção pessoal, trabalha exclusivamente de conta própria.

Conselhos temos pedido e recebido muitos de pessoas autorizadas e esses aceitamo-los e agradecemos-los.

Ficará isto compreendido?

A música do 20

Alguém, com razão justificada, chamou a nossa attenção para o nosso presado colega local «Comércio», de 6 do corrente, onde vem uma desenvolvida noticia sobre uma representação dirigida em tempo pela Direcção da Associação Commercial á estação competente a propósito da extinção da banda de infantaria n.º 20, e pedindo a sua conservação.

Fomos, pois, injustos perguntando onde parava aquella colectividade que honra, sobremodo, a nossa terra e tem á sua frente uma Direcção composta de vimaraneses dedicadíssimos, mas podem os visados crer que não tínhamos lido a noticia daquelle nosso caro colega, do contrário não perguntariamos onde paravam, antes diríamos que estavam, como sempre, no seu posto de honra, pugnano pelos interesses da cidade e concelho.

De resto era muito natural que, como todos os vimaraneses, fossem colhidos de surpresa pela noticia e como, nestes casos, um bom reagente se torna ás vezes precioso, daí o nosso reparo em vermos tanto silêncio.

Desculpe-nos a Associação Commercial, a quem Guimarães deve muito e espera dever muito mais ainda.

Falecimentos

No passado domingo, cerca das 7 horas da tarde, faleceu nesta cidade o sr. Alberto Alves da Silva, genro do nosso estimado assinante sr. Manuel Teixeira Guimarães.

Os funerais do saudoso extinto realizaram-se na segunda-feira de tarde, na capela do Cemitério, sendo muito concorridos.

Na sexta-feira de tarde também faleceu nesta cidade o sr. Francisco Ribeiro da Silva Castro, irmão do nosso presado subscriptor sr. Gaspar Ribeiro da Silva Castro.

As familias enlutadas endereçamos os nossos sentidos pésames.

Missa do 30.º dia

Joaquina da Conceição e filhos convidam todas as pessoas das suas relações e amizade a assistirem á missa do 30.º dia que, por alma de sua saudosa filha e irmã, Elvira da Assunção Rebelo, se há de celebrar na próxima segunda-feira, 16 do corrente, pelas 8 1/2 horas da manhã, na capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, a todos agradecendo a sua comparência ao religioso acto.

Guimarães, 14 de Setembro de 1912.

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Zoual, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam: The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colegio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luis Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a cores, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encatrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇO-
AMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIRESA.
MAXIMA DURACÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Ano (sem estampilha)	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Trimestre	400 "
Pelo correio acresce o porte.	
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os ars, assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.^{mo} Sr.